

AS OCUPAÇÕES CERAMISTAS NO VALE DO RIO PERUAÇU (MG)

*André Prous**
*Marcos Eugênio Brito***
*Márcio Alonso Lima****

PROUS, A.; BRITO, M. E.; LIMA, M. A. As ocupações ceramistas no vale do rio Peruaçu (MG). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 4: 71-94, 1994.*

RESUMO: Este trabalho apresenta o instrumental das populações pré-históricas recentes que ocuparam os abrigos do Vale do Peruaçu (Alto Médio São Francisco, MG). A ocupação pré-histórica tardia dos abrigos deixou registros muito variados: estruturas de habitação, sepultamentos, depósitos alimentares. Neste trabalho, descrevemos os artefatos de fibra vegetal, madeira, cera, osso, concha e cerâmica, além da indústria lítica. A análise tecnotipológica desta evidencia a existência de pelo menos dois conjuntos de indústria lítica nos abrigos. Um deles, caracterizado por suportes pequenos, raspadores côncavos e artefatos atípicos, é associado à cerâmica Una com a qual co-existe nas camadas superiores dos abrigos escavados. O outro conjunto, encontrado na superfície dos abrigos, caracterizado por grandes pré-formas lascadas de sílex para machado, lascas grandes e com tipos retocados característicos (utilizados para trabalhar a madeira). Atribuímo-los aos últimos habitantes da região. A indústria lítica dos sítios tupiguarani a céu aberto não foi ainda estudada.

A presença de pelo menos três culturas sucessivas (Una, Tupiguarani e outra, ainda sem denominação) no período pré-histórico tardio parece corresponder às rápidas mudanças da arte rupestre durante os dois últimos milênios.

UNITERMOS: Arqueologia em Minas Gerais – Tecnologia pré-histórica – Micro-vestígios de utilização – Horticultores.

Introdução

O rio Peruaçu é um afluente do médio curso do rio São Francisco. Nasce em formações

(*) Universidade Federal de Minas Gerais. Responsável pela análise tecnotipológica.

(**) Universidade Federal de Minas Gerais. Responsável pelo desenho arqueológico.

(***) Universidade Federal de Minas Gerais. Responsável pela análise traceológica.

crystalinas, atravessa a seguir o platô formado pelos calcários da formação Bambui, num profundo canyon entrecortado por trechos subterrâneos. Único rio atualmente perene (embora com profundidade nunca superior a 1,8m) em dezenas de quilômetros na margem esquerda do São Francisco entre Januária e Itacarambi, cedo tornou-se um eixo privilegiado para a penetração humana. O alto vale apresenta veredas ocupadas pelos buritis, circundadas pelo cerrado. Na parte mediana, a mata ciliar serpenteia no fundo do

canyon, cujas encostas apresentam uma vegetação de mata seca; no topo, a cobertura vegetal passa da mata calcícola nos calcários à formações de tipo cerrado em transição para a caatinga. O curso inferior do rio desenvolve-se finalmente na planície aluvial do São Francisco.

A UFMG realizou prospecções na região em 1978 e pesquisas sistemáticas desde 1988. Embora a maioria dos trabalhos tenham sido até agora feitos numa porção intermediária do vale, onde os abrigos secos proporcionam uma preservação excepcional dos restos orgânicos, alguns reconhecimentos foram feitos a montante, onde as pesquisas devem se intensificar nos próximos anos para estudar as aldeias a céu aberto.

Um dos objetivos deste projeto de longa duração é estudar a passagem de uma economia de predação a uma economia mista de produção/predação nos últimos milênios. Tentamos particularmente identificar alguns territórios pré-históricos, entender a relação que os grupos mantinham com os diferentes ambientes (canyon, veredas, platô e planície) e identificar os movimentos de população, os últimos dos quais provavelmente decorrentes da pressão neobrasileira sobre os grupos indígenas. Para tanto, contamos com estudos genéticos e de DNA, realizados em restos de plantas cultivadas por pesquisadores da ESALQ e em esqueletos humanos por biólogos do ICB/UFMG.

Neste artigo, falaremos essencialmente da ocupação dos abrigos, justamente pela variedade de informações que proporcionou, descrevendo os vestígios de indústria encontrados; não pretendemos apresentar uma visão de conjunto do vale ou modelos de ocupação regionais, que seriam ainda prematuros. Apenas tentaremos sublinhar, através dos restos da cultura material, as continuidades e as rupturas visíveis entre os caçadores-coletores e os grupos horticultores mais recentes. Deve ficar bem claro que nossas informações (como todas aquelas provenientes de pesquisas arqueológicas) são bastante fragmentárias e enviesadas: não vemos ainda claramente a relação entre os vestígios encontrados nos abrigos do canyon (bastante pesquisados) e os que aparecem nas aldeias a céu aberto localizadas a montante (apenas prospectadas). Outrossim, as camadas arqueológicas dos abrigos que correspondem aos últimos

caçadores e aos horticultores iniciais (entre 2000AP e 6000AP) costumam ser perturbadas por covas escavadas por grupos mais recentes, como veremos a seguir. Este fato dificulta sobremaneira a compreensão do processo de transformação; inclusive, não permite verificar se a introdução da cerâmica e da horticultura foram concomitantes, postulado geralmente admitido, mas nunca demonstrado, pelos arqueólogos das Américas.

Assim sendo, limitar-nos-emos a apresentar uma síntese dos conhecimentos adquiridos sobre a indústria e não uma reconstituição mais ambiciosa do passado cultural da região, embora já disponhamos de farto material sobre a alimentação, as estruturas de ocupação do espaço e sobre manifestações rituais ou “artísticas” (Prous, 1991, relatório manuscrito 2, &.). Descreveremos, portanto, os artefatos líticos, vegetais ou ósseos e a cerâmica para permitir uma comparação com os achados de outras áreas do Brasil Central. Em conclusão, veremos de que maneira estes vestígios inserem-se no panorama geral da arqueologia do Brasil Central e nos levam a discutir algumas idéias vigentes.

1 - A indústria lítica.

Instrumentos polidos

Diversas transformações ocorrem no decurso do período “horticultor”, sendo uma delas o aparecimento de lâminas de machado (ver Prous, *in* Relatório 2). Nestas, podemos distinguir dois grandes conjuntos: o primeiro é formado por peças polidas e picoteadas, várias delas encontradas em escavação. São feitas de granodiorito, rocha alógena (trazidas de Riacho da Cruz, distante cerca de 40 km do canyon, ou das cabeceiras, desde um ponto ainda mais distante) mas também encontramos uma de calcário, rocha que não se presta a um trabalho tão pesado: talvez trate-se de um objeto feito como exercício por um principiante? O mesmo pode supor-se a respeito de uma peça de calcário, quebrada ao lascar-se um gume bifacial, como se fosse uma pré-forma. As lâminas são trapezoidais ou sub-retangulares e medem entre 12 e 16cm, variando seu peso entre cerca de 600 e mais de 800 gramas. As trapezoidais, com parte mesio-distal picoteada para aumentar a aderência, deviam ser inseridas

em cabos de tipo “embutido” (Ribeiro, 1988), dos quais um exemplar conservou-se na Lapa do Boquete; as sub-retangulares, encontradas num estojo em sepultamento com cera e tiras de embira, apresentam uma leve concavidade mesial que facilitaria um encabamento de tipo “dobrado” (Ribeiro, *ibidem*). As lâminas lascadas são de sílex, menores e bem mais leves (entre 9 e 12cm, pesando apenas entre 88 e 270g) o que implica utilização de um cabo com cabeça reforçada. Parecendo-se com bifaces, foram feitas a partir de grandes lascas corticais, largas e frequentemente refletidas, cujo talhe bifacial ainda deixa perceber restos da face interna e de córtex no que foi o talão ou a face externa da lasca. Não foi iniciado o estudo traceológico destes instrumentos, mas parece pouco provável que tenham sido destinados à fabricação de canoas, pelo menos no canyon, onde o rio é navegável; em compensação, podem ter cortado os postes cujas marcas são frequentes nas escavações. A existência de lâminas de machado de sílex, matéria preterida para este uso por rochas mais resistentes no resto do Brasil, era totalmente inesperada; embora P. Lund tenha mencionado “machados de sílex” em sua correspondência, acreditamos que estava errado na identificação (ver nossos comentários a respeito deste texto *in* Hoch; Prous, 1985). Outrossim, o que significaria o fato que elas não foram polidas? Tratar-se-ia apenas de esboços destinados ao polimento fora do vale (onde não existe areia abrasiva perto da água)? A ausência de estilhamento nos gumes reforça esta hipótese; no entanto, é bem possível que se trate de instrumentos expeditos de substituição às rochas “verdes”, num momento em que não se tinha mais acesso à fonte das mesmas por parte de grupos refugiados no Peruaçu. A quase totalidade destas lâminas lascadas foram inclusive encontradas em superfície dos abrigos, sendo dos vestígios mais recentes da região. Tal substituição de lâminas polidas por outras lascadas (às vezes simples lascas espessas) em períodos recentes, é documentada por um machado coletado entre os Kreen-Akorore e conservado no Museu de Antropologia da Universidade de Goiás.

As más trabalhadas, por vezes consideradas típicas das populações neolitizadas, são raras; apenas duas peças de pedra foram encontradas (nas Lapas da Hora e de Rezar) mas é claro que podiam ser utilizados almofarizes de madeira, ou

apenas blocos de calcário aproveitados casualmente; preparados por picoteamento, ambos os artefatos mencionados apresentam uma larga depressão em meia cana.

A derradeira indústria lítica do Peruaçu

O material lascado evidencia modificações em relação aos períodos anteriores, sendo também possível sentir uma diferença entre os vestígios enterrados, datados do início da nossa era (camadas “0” e “I”, cujo estudo está apenas iniciando-se) e os restos mais superficiais, provavelmente com antiguidade de poucos séculos, se não proto-históricos (para uma descrição mais detalhada destes, ver Prous, Fogaça, Lima & Brito, no prelo).

A indústria superficial (a mais recente) mostra a existência de procedimentos de fabricação comuns, apesar da heterogeneidade dos vestígios encontrados nos diversos sítios. Com efeito, os produtos de descorticação somente aparecem nos abrigos próximos às fontes de matéria-prima (seixos do leito seco de um córrego nas imediações da Lapa dos Desenhos; ou do Peruaçu, na Lapa dos Bichos). Nos outros casos, a retirada do córtex e extração de lascas maiores faziam-se nos afloramentos (no ateliê a céu aberto do Judas, por exemplo, cf. Fogaça & *alii.*); traziam-se ao sítio blocos menores e grandes lascas espessas e corticais com mais de 10 cm. As grandes lascas eram utilizadas como núcleo (a face interna servindo de plataforma de percussão) ou suporte para artefatos retocados. Os pequenos blocos serviam para extrair, por percussão dura direta, lascas de até 8 cm de comprimento, com talão liso e espesso; quando não se obtinha mais lascas maiores de 3,5cm, eram abandonados, apresentando-se, neste estágio final, globulares ou sub-discoidais. Em dois sítios encontramos peças maciças com duas faces principais (uma mais convexa que a outra) das quais tinham sido retiradas grandes lascas centrípetas, às vezes escamosas. Lembram *nuclei* de tipo Levallois, mas não há lascas extraídas por esta técnica, nem facetagem do talão neste período. Ainda existem indícios casuais de lascamento bipolar em três sítios, inclusive no ateliê do Judas (esta técnica é mais bem atestada no abrigo Zé de Souza e na Gruta dos Caramujos, não muito distantes do vale), com poucas lascas

e uma bigorna que apresenta vestígios típicos de lascamento de pedra. É claro que não há muitas vantagens em utilizar a técnica bipolar para o sílex, a não ser que se trate de aproveitar nódulos muito pequenos, como os de sílex preto brilhante que formam veios em alguns estratos do calcário local ou para conseguir-se pequenos elementos a serem montados em série num cabo. Raros são os batedores encontrados: o calcário dos afloramentos não fornecia um material adequado para lascas locais, bastante resistente; mesmo assim, deve ter sido utilizado, o que explicaria em parte a frequência de acidentes de lascamento como a reflexão das lascas (25% de casos nas lascas e 50% nas cicatrizes observadas nos *nuclei* na Lapa dos Bichos) ou sua fratura distal. Os batedores observados são seixos de sílex ou de quartzito e até *nuclei* reutilizados (tais batedores “sobre arestas” foram encontrados no Boquete e no Sítio Antonio Cardoso).

Os suportes trabalhados são bem mais numerosos que nas camadas imediatamente subjacentes. Além das “pré-formas” de sílex já mencionadas, observamos grandes lascas não corticais mais delgadas, sempre quebradas obliquamente (uma delas teve a parte quebrada retocada), com talhe bifacial pouco profundo. A análise traceológica evidenciou, numa delas, marcas de uso intensivo em madeira fresca; caso esta peça fosse representativa, este tipo de instrumento teria servido como faca de gume reforçado para trabalhar matérias medianamente resistentes.

Mais frequentes são as lascas com retoque unifacial: algumas têm formas “clássicas” como uma “lesma” parcialmente destruída pelo fogo (Morro Vermelho) ou plainas, que podem apresentar tanto um retoque cuidadoso com retiradas laminares paralelas (Bichos), quanto um trabalho mais tosco; infelizmente, as peças deste tipo provenientes dos níveis recentes não ofereceram micro-vestígios legíveis de utilização.

Os artefatos mais típicos deste período no Peruaçu são, no entanto, raspadeiras feitas sobre grandes lascas (entre 9 e 13cm), trapezoidais espessas e corticais, bem mais largas na extremidade distal que na proximal; o retoque, marginal e escamoso, desenvolve-se lateralmente. Apenas uma destas raspadeiras, a menos típica, apresentou dois gumes retocados, com micro-vestígios de utilização em madeira (um gume,

posteriormente refrescado, para cortar; o outro, para raspar). Nas Lapas do Lourenço e da Hora, suportes corticais enormes (até 20cm) foram retocados lateralmente, sendo que um deles apresenta também uma frente retocada convexa; as partes mesiais apresentam abundantes restos de resina e as laterais, vestígios de fricção em madeira dura; sendo pouco provável que estas peças pesadas tenham sido encabadas, podemos supor que tenham sido usados como machados manuais para cortar árvores.

Ainda existem lascas retocadas de maneira irregular: as de tamanho médio (entre 5 e 9cm) são espessas e apresentam córtex, enquanto o bulbo foi parcialmente retirado; os retoques são praticados a partir da face mais plana (mesmo se esta for cortical), sendo bastante abruptos; verifica-se que no início de uso apresentam gume reto ou levemente convexo e retoque semi-abrupto; quando mais utilizadas, o gume torna-se convexo e o retoque abrupto, com arredondamento da parte ativa. Em lascas pequenas, os retoques costumam ocorrer em várias faixas curtas, separadas por fortes denticulações.

A análise traceológica inicial das lascas “brutas” (não retocadas) de forma regular evidenciou apenas um caso inquestionável de vestígios, numa lasca não retocada que cortou material vegetal fresco. Podemos supor que as outras lascas com gume cortante teriam sido aproveitadas para operações que não deixam facilmente marcas nas variedades de sílex do Peruaçu (cortar carne, por exemplo). Quanto às peças retocadas que não apresentaram indícios de uso, elas poderiam ter tido seus gumes refrescados após utilização, ficando os vestígios no talão das lascas de retoque (no entanto, o talão dos poucos retoques encontrados também não apresentaram marcas de uso); de qualquer forma, por que abandonar os artefatos logo depois de os retocarem? Como sempre, o estudo traz mais perguntas que respostas.

Uma última categoria tipológica vem a ser a dos blocos de calcário utilizados como bigornas para quebrar vegetais, que vêm sendo estudados por M.T.Moura; muitos deles foram toscamente regularizados por lascamento periférico, medindo entre 13 e 25 cm e pelo menos 4 cm de espessura. Apresentam as mesmas manchas oleosas que já foram descritas em outros lugares (Bryan, 1977; Bryan & Gruhn, 1993; Moura & Prous, 1989).

Por sua vez, os pigmentos para pintura são geralmente fragmentos de couraça bruta, marcados por estrias de raspagem (Silva e Paredes, *in* Relatório 2).

As indústrias lascadas imediatamente subjacentes estão ainda mal conhecidas e serão comentadas mais adiante, no parágrafo 4.

2 - Indústria de concha, osso e materiais vegetais.

Poucos artefatos de osso foram recolhidos; no Boquete, um fragmento de espátula em osso de veado, artefato normalmente característico das camadas mais antigas, pode ter sido trazido para os níveis superficiais durante a escavação dos “silos” pelos indígenas horticultores. Alguns fragmentos ósseos com facetas polidas ou estriadas poderiam ser o refúgio de algum trabalho de fabricação. Contas de colar discoidais (algumas, feitas com osso de pássaro) de 3 a 5 mm de diâmetro foram encontradas espalhadas nas escavações. No Malhador, apareceram ainda uma ponta polida e um chifre de veado trabalhado. De concha de gastrópodo gigante (*Megalobulimus*) encontramos fragmentos da primeira volta, com reentrância lascada que sugere tratar-se de restos de plainas (Prous, 1986); fragmentos de labro retrabalhado em proveniência da camada II do Boquete poderiam ser indícios da utilização desta parte da concha como anzol (utilização conhecida entre os Bororo, cf. Albisetti e Venturelli, 1962). Outro fragmento, cheio de pigmento vermelho, podia ser um recipiente de tipo godê. A concha robusta de bivalva de água doce foi também utilizada, sem retoque, como faca ou raspador, como comprova a peça de 7cm de comprimento, com vestígios de utilização, encontrada num estojo do sepultamento 4 da Lapa do Boquete. Retângulos recortados em bivalvas poderiam ser elementos de adorno a serem colados, como exemplificam colares ou máscaras indígenas atuais.

A casca de ovo de uma ave grande (menor que uma ema, no entanto) foi aproveitada para fabricar pingentes ovóides; cinco destes elementos de colar foram encontrados juntos na Lapa da Hora.

Os restos vegetais são abundantes; além do já mencionado cabo de machado de tipo “embutido”, encontramos várias pontas de madeira; uma flecha farpada tinha sido quebrada para acompanhar seu dono na cova funerária,

assim como o arco (a remontagem permitiu verificar o complexo sistema de inserção da ponta no caniço). Colocados paralelamente e mantidos por cordões, caniços eram também utilizados para fazer esteiras, seja para sentar, seja para servir de base a um dos depósitos que denominamos “silos”. Uma vareta com extremidade esmagada para separar as fibras (pincel?) apareceu também numa dessas estruturas. Caniços e fibras de cipó foram trançados para fabricar a linda cesta que encontramos junto de um corpo semi-mumificado. Os mortos eram depositados num leito de folhas e revestidos de uma espécie de capa de folhas compridas, ligadas por um cordão.

Ainda encontramos contas de colar de sementes, com menos de 5 mm de diâmetro e restos de postes enterrados (Boquete) ou ainda superfícies, mas certamente feitos sem instrumentos de metal (Piolho do Urubu). Barbantes de vários tipos de algodão e cordões feitos de fibras mais resistentes ainda não identificados foram achados frequentes nas escavações; tiras de embira imobilizavam os braços dos dois mortos enterrados nas camadas superiores do Boquete. Bolas de cera virgem, ainda com própolis, eram guardados nos estojos, provavelmente para reforçar a aderência no processo de encabamento (há vestígios de cera no cabo de machado); uma destas bolas, com a forma de uma tampa de garrafa de Champagne, evoca um virote embora possa ser apenas o resultado da raspagem do material.

Assinalaremos enfim, a presença de numerosas cabaças inteiras nos sepultamentos e de fragmentos nos diversos depósitos (“silos” e covas para lixo).

3 - As cerâmicas.

Aparecem, em contextos diferentes, vestígios normalmente atribuídos a pelo menos duas tradições ceramistas distintas. Análises prévias de cerca de 2500 cacos provenientes de 20 sítios foram feitas por Junqueira e Malta (1981), Prous (1991, Relatórios 1 e 2) e Jobim (Relatório 2).

A cerâmica “Una”

A grande maioria da cerâmica coletada nos abrigos pode ser provisoriamente denominada “de tipo Una”. É formada por cacos não decorados, de

paredes finas (a espessura varia entre 4 e 22 mm, mas fica geralmente ao redor de 7mm apenas); embora porosa e às vezes heterogênea, a pasta é muito dura.

O antiplástico é bastante variável de um sítio para outro: argila, carvão vegetal (este, somente em vasos de paredes mais finas), calcário moído, areia rolada de rio. A oxidação atinge entre 60 e 100% da espessura. A superfície é marrom, raramente alaranjada; geralmente, apresenta alisamento e uma brunhidade, pelo menos externa. Os vasilhames parecem ter sido feitos geralmente por modelagem e não com roletes. As formas são quase exclusivamente fechadas e globulares; os lábios são arredondados ou apontados; os fundos, curvos. Excepcionalmente, a borda pode ser levemente ondulada, ou acompanhada por uma incisão fina mas nunca é reforçada ou decorada. A abertura da boca varia de 5 a 13 cm para os vasos globulares, entre 13 e 30 cm para os raros recipientes abertos (embora não ultrapasse geralmente 18 cm). Quando a boca não é constricta, as paredes costumam ser sub-verticais ou apenas levemente inclinadas. No Boquete, encontrou-se um caco espesso regularizado e com furo central; provavelmente trate-se de uma rodela de fuso feita a se “recuperar” um fragmento de vasilhame quebrado (é interessante notar que as características deste caco são de tipo tupiguarani). Neste mesmo abrigo, foi verificado que a quantidade de cerâmica era maior no fundo do abrigo (onde os vasos deviam ser guardados contra a parede) e mais perto da entrada (onde os fragmentos são menores, a não ser nos três depósitos de lixo escavados), diminuindo na zona intermediária. Aparece também nos sepultamentos, juntamente com as cabaças.

Em raros sítios (Malhador, Ticão, Lourenço e Caboclo) aparecem alguns cacos muito leves, por apresentarem uma estrutura extremamente porosa: numerosos buracos de vários milímetros de diâmetro foram deixados pela queima de materiais combustíveis (vegetais? tratar-se-ia de uma variedade de *cariapé?*), propiciando uma oxidação completa e uma cor alaranjada. Não sabemos se devem ser ou não atribuídos aos mesmos artesãos que os vestígios descritos acima.

Na Lapa da Hora encontramos, numa das camadas superiores da sondagem III, blocos de argila endurecida, porém não queimada. A forma de vários destes fragmentos, com até 6cm de

diâmetro, sugere cacos de vasilhame em preparação, inclusive com borda; outros, mais maciços, apresentam depressões em canaleta que lembram torrões de pau-a-pique; teria havido algum edifício construído com esta técnica no fundo da pequena gruta, no final do período pré-histórico?

A cerâmica tupiguarani

Uma outra categoria de cerâmica foi notada, sobretudo em sítios a céu aberto e fora do canyon (Grotões etc.), mas também em abrigos onde tanto pode ser a única representada quanto misturar-se com a de “tipo Una”; neste caso, no entanto, e ao contrário dos cacos finos e escuros, não aparece enterrada, a não ser superficialmente ou em depressões remexidas a partir da superfície: trata-se da cerâmica dita Tupiguarani. A quase totalidade dos cacos são bem espessos (geralmente mais de 17 e até 26 mm); apresentam-se pouco oxidados (em geral, em menos de 20% da espessura); o antiplástico costuma ser menos abundante e mais bem repartido que nos tipos Una, dominando a areia; em alguns locais, nota-se, no entanto, a presença de alguns elementos grandes de hematita, calcário e feldspato. A não ser o fundo modelado, os potes foram construídos por roletes.

Duas categorias de recipientes foram encontradas nos abrigos: a) pequenos vasos abertos com até 35 ou 40 cm de diâmetro, bordas extrovertidas reforçadas externa e internamente, espalhadas nas áreas de ocupação. Alguns cacos apresentam vestígios de traços vermelhos finos sobre engobo branco; b) vasos de formato oval em planta, fortemente carenados e com a parte superior decorada por linhas de unguiações (as unhas têm cerca de 12 mm de comprimento) inclusive na borda, reforçada externamente. O diâmetro maior gira ao redor de 30 cm e o menor, de 20 cm. Estes potes foram encontrados em nicho (Lapa do Índio) ou em abrigos sem outra marca aparente de ocupação (Abelinhas/Jataí), sugerindo uma utilização ritual. Nos sítios a céu aberto predominam formas bem maiores e fechadas de tipo *igaçaba*. Estas urnas têm uma boca de 30 a 40 cm de diâmetro e 40 a 80 cm de diâmetro de bojo. O ponto de inflexão é alto, podendo ser marcado por uma carena nítida. As bordas não são reforçadas e os lábios são planos ou arredondados.

A maioria apresenta uma superfície sem decoração, seja alisada, seja exageradamente irregular (sugerindo até um tratamento voluntário no sítio

Grotinha); raramente, cacos apresentam restos de banho vermelho (trata-se, então, de vaso menor, com paredes um pouco mais finas) ou traços pintados pretos sobre engobo branco. Moradores da região presentearam-nos com uma esfera com furo central, provavelmente um peso de fuso, que atribuímos tentativamente aos tupiguaranis.

Apesar da eventual co-existência dos dois tipos de cerâmica na superfície de alguns abrigos, acreditamos que tenham sido deixados por culturas distintas, pois não há vestígios “tupiguarani” nos longos trechos mais fechados do canyon, nem nos níveis estratigráficos mais profundos escavados. É possível que os raros vasos encontrados em abrigos sejam resultados de trocas de objetos ou de aquisição de esposas/oleiras e não de uma ocupação verdadeira por parte dos tupiguarani, que parecem ter preferido as veredas a montante, e a planície a jusante. De fato, a maioria da cerâmica tupiguarani encontrada é formada por potes inteiros ou pouco fragmentados, que encontramos como que escondidos em nichos e grutas e não em locais de habitação ou intensa ocupação. Outra possibilidade seria que uma única população teria ocupado alternada e sazonalmente os diversos ambientes, deixando em cada um deles categorias cerâmicas distintas. As diferenças notadas na pasta e nos processos de fabricação resultariam então de exigências diferentes para a qualidade dos vasos fabricados e não de preferências culturais. A futura análise do material dos sítios lito-cerâmicos das veredas, localizados por I. Malta e P. Junqueira e que deverão ser escavados em breve, trará certamente subsídios valiosos para escolher entre estas duas interpretações.

A datação mais antiga de que dispomos para camadas em que foram encontrados cacos de tipo Una é de 2240 ± 70 AP (Lapa do Índio). No Malhador, um caco foi encontrado junto com um carvão datado em 5000 AP retirado não de uma fogueira intacta, mas de uma zona possivelmente perturbada pelo sedimento proveniente de uma cova de sepultamento; desta forma, não se deve confiar numa “associação” de caráter duvidoso.

4 - As culturas tardias no vale do rio Peruaçu.

É fácil distinguir entre os achados arqueológicos das camadas superiores dos abrigos (caracterizadas por balaios cheios de vegetais cultivados e

silvestres, cerâmica e artefatos vegetais, fogueiras construídas, fossas de dejetos, sepultamentos etc.) e os das ocupações anteriores que apresentam vestígios de ocupação bem menos intensa, diversificada ou preservada. Mas houve, sem dúvida, importantes modificações culturais no decorrer dos dois últimos milênios. Outrossim, a própria evolução acelerada dos grafismos rupestres indica uma “aceleração” das transformações: enquanto a Tradição “São Francisco”, com suas representações de armas e figuras geométricas, parece ter permanecido estável durante muito tempo ao longo do período “pré-cerâmico”; nos seus estilos finais aparecem algumas representações de raízes e tubérculos talvez cultivados e até uma possível espiga de milho (facies Rezar), *tipiti* e cerâmica (facies Caboclo). Logo depois, a temática rupestre passa por rápidas e sucessivas mudanças: ao “reinado” das figuras geométricas sucede o das figuras zoomorfas e vegetais (milho, coqueiros nas unidades estilísticas “Peruaçu – Urubu” e “Desenhos”; para as representações “alimentares”, ver Prous, 1989); finalmente, impõe-se o domínio das figuras humanas miniaturas (Tradição “Nordeste”), sem contar manifestações menores mais tardias e ainda mal definidas. É tentador estabelecer um paralelo entre estas transformações e as já mencionadas na indústria lítica dos horticultores, mesmo sem levar em conta a existência de duas tradições ceramistas na região (já que não há certeza de que os Tupiguarani teriam efetivamente ocupado os abrigos). E, realmente, os vestígios líticos coletados nos diversos sítios, respectivamente, em superfície, nos níveis da camada superior (dita “0”, frequentemente perturbada pelo gado e as atividades antrópicas recentes) e nos níveis da camada “I” (intacta, com datações atualmente entre 1200 e 1600 AP na Lapa do Boquete, nosso principal sítio de referência) mostram diferenças notáveis. O material de superfície inclui sobretudo as peças grandes e retocadas descritas no início deste texto; em compensação, o lítico enterrado comporta essencialmente lascas não retocadas pequenas (dois terços das mesmas têm menos de 3cm, quase nenhuma, mais de 7) e sem córtex. Os artefatos retocados são raríssimos e geralmente atípicos (como o “furador” da figura 6) ou fragmentados; destacam-se espessos raspadores côncavos abruptos, cujas lasquinhas de retoque típicas são encontradas com muito maior frequência que o próprio instrumento. É mesmo possível notar algumas diferenças entre o material da camada

“I” e o do “O” superior e médio. Outrossim, apareceram fragmentos de uma raspadeira delgada utilizada como faca e de um instrumento de gume retocado semi-abrupto usado para raspar madeira. Nem o gume dos raspadores nem os talões das (raras) possíveis lascas de retoque dos mesmos apresentaram indícios de terem trabalhado e apenas uma das lascas brutas examinada apresentou um arredondamento, aspecto insuficiente para caracterizar o seu uso. Parece, portanto, que estes instrumentos teriam sido fabricados, mas não utilizados nem refrescados nos locais escavados. Não podemos, no entanto, definir ainda “fases” em função destas modificações baseando-nos apenas na Lapa do Boquete: com efeito, é possível que as peças menores encontradas nos níveis estratigráficos superiores da camada “O” pertençam ao mesmo nível cronológico que as grandes lascas superficiais, das quais teriam sido separadas pelo pisoteio do gado. Quanto às variações discretas notadas entre o “O” e o “I”, precisam ser confirmadas pela análise (em andamento) do material de vários outros sítios como as Lapas do Malhador (tese de M. Schlobach) e dos Bichos (M. Alonso) que deverá mostrar se este fenômeno é geral no vale.

Conclusão.

O estudo do material coletado na superfície de numerosos sítios e dos vestígios recuperados nas camadas superiores de alguns abrigos evidencia rápidas mudanças nas tecnologias ao longo dos dois últimos milênios. Acreditamos que seja possível distinguir nos abrigos pelo menos dois (mais provavelmente, três) conjuntos. O primeiro e mais antigo corresponde ao que se costuma chamar Tradição ceramista “Una” (mas cujo vínculo com a fase litorânea epônima fica por demonstrar), caracterizada no Peruaçu por uma indústria lítica de lascas pequenas e que privilegiou suportes menores para elaboração de pequenos artefatos retocados, aparentemente pouco padronizados. É de se lamentar que poucos instrumentos apresentem vestígios claros de utilização; isto deve-se em parte à quantidade de material queimado (o brilho consecutivo à ação térmica mascara os micropolidos) e ao grão grosso das variedades de sílex mais típicas do vale, que dificulta o desenvolvimento do micropolido; no

entanto, estas mesmas limitações existiam em camadas mais antigas, onde conseguimos resultados melhores; destarte, acreditamos não termos escavado ainda os principais locais de trabalho artesanal.

As ocupações Una deixaram vestígios muito variados (estruturas de armazenamento, cestaria, sepultamentos etc.) que correspondem a uma ocupação longa e intensa da região. Tentamos atualmente verificar se teria havido uma evolução do instrumental no interior desta “Tradição”, como acreditamos ter existido na arte rupestre (Unidades Desenhos e P. do Urubu). O segundo conjunto corresponde a vestígios superficiais marcados por instrumentos retocados sobre lascões, com tipos bem característicos; estes grandes suportes lembram a “fase Jataí” dos pesquisadores goianos, mas dela diferem pela existência (e a frequência) de retoques. De qualquer forma, a última ocupação, que deixou seus vestígios na superfície das Lapas, parece ter sido curta e rompe totalmente com toda a tradição de trabalho da pedra dos milênios anteriores. Acreditamos que reflita uma população intrusiva, que talvez estivesse fugindo da aproximação dos neobrasileiros. A ela atribuímos tentativamente as pinturas de tipo “Nordeste”, a última das principais Tradições rupestres que apareceram no Vale. Talvez estes derradeiros indígenas, desterrados no Peruaçu, tivessem uma economia adaptada a uma situação de grande mobilidade (menos dependente da horticultura?), e portanto, necessidade de instrumentos bastante diferentes dos que caracterizavam seus predecessores imediatos enquanto lembram até certo ponto os dos primeiros colonos do Vale, cerca de 12.000 anos atrás. Trata-se de uma simples conjectura, pois não podemos ainda correlacionar os instrumentos do holoceno final com a economia: com efeito, a análise traceológica das camadas “O” e “I” dos abrigos escavados ainda mal começou; a colheita do milho não necessita instrumentos líticos e não deixará, portanto, traços nos gumes; sua preparação deixou poucos vestígios (trituradores ou mós); no caso da mandioca, representada desde o período final da Tradição São Francisco juntamente com *tipiti*, ela foi ralada pelos portadores da Tradição Una, como testemunham vestígios marcados com riscos paralelos encontrados na Lapa do Boquete; no entanto, não sabemos ainda com que instrumentos. Desta forma, não podemos saber se foram modificações de cunho

econômico ou uma ruptura na tradição industrial que poderiam explicar tantas mudanças no instrumental lítico; uma tese de Doutorado vai ser dedicada a tentar resolver esta dúvida.

Ainda falta determinar qual é a relação entre os últimos moradores dos abrigos e os portadores da tradição tupiguarani, cujos vestígios aparecem casualmente em algumas Lapas. A partir dos sítios abertos recém-localizados nas cabeceiras do Peruaçu, esperamos ter a possibilidade de melhor definir esta ocupação e, particularmente, sua indústria lítica que, segundo comunicação pessoal de I. Malta, seria bastante desenvolvida. Desta forma, poderemos contribuir para uma melhor definição da "Fase Belvedere", nome dado à ocupação tupiguarani no Alto Médio São Francisco, pelos pesquisadores do IAB.

Outrossim, uma comparação sistemática entre as cerâmicas "Una" e Tupiguarani pretende mostrar até que ponto suas pastas apresentam características capazes de diferenciar os vasilhames menores de cada uma destas tradições.

Pretendemos ainda retomar a pesquisa iniciada nos anos 70 (Abreu, 1978) entre os remanescentes Xacriabá que ocupam há algumas gerações uma reserva vizinha, para tentar resgatar algumas tradições sobre seu passado na região. Estes índios estão, infelizmente, muito aculturados, embora

mantenham algumas pautas, que incluem inclusive cerimônias em abrigos pintados.

Enquanto não apresentamos uma reconstrução mais completa do passado recente no Peruaçu (a qual ultrapassaria os limites do espaço disponível para este artigo), esperamos que esta apresentação dos vestígios da cultura material estimule a pesquisa e facilite a comparação com os materiais já coletados por nossos colegas, particularmente nos estados de Goiás e Bahia. Em todo caso, nossas observações sugerem que os vestígios tardios não tupiguarani, geralmente atribuídos a uma única cultura ("Una", fase Palma de Simonsen & alii, 1981; fase Jataí, de Schmitz & alii, 1976, 1981; fase Unaí, de Dias & alii, 1975; período cerâmico de Bryan & Gruhn, 1993) poderiam, pelo menos em certas regiões, ter sido deixados por várias populações, as quais certamente mantiveram contatos com os tupiguarani.

Agradecimentos

Agradecemos Maria Tereza Moura pela revisão do texto. Para a pesquisa no vale do Peruaçu, recebemos sucessivamente verbas da FUNDEP/UFGM, da FINEP, da FAPEMIG, do CNPq e da Mission Archéologique Franco-Brasílienne de Minas Gerais.

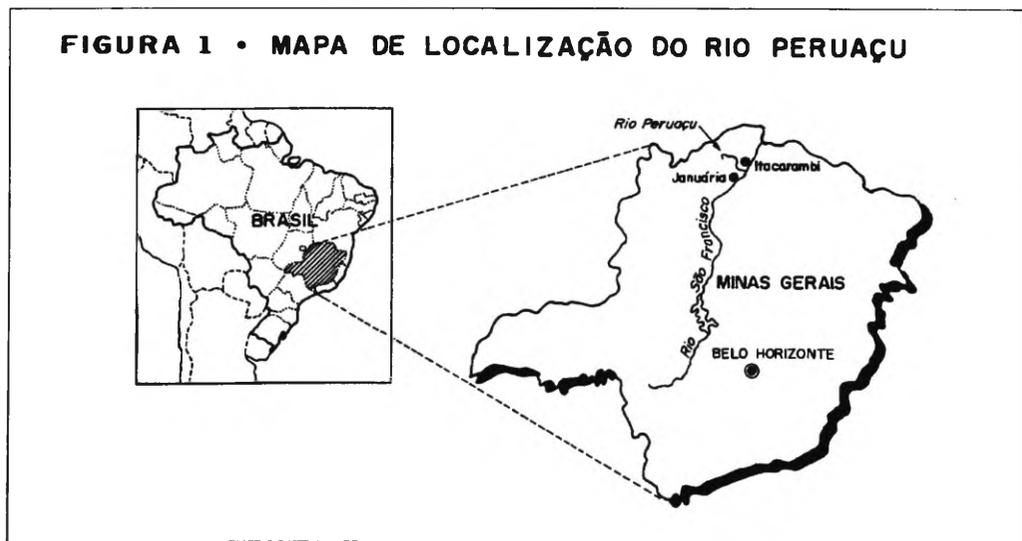
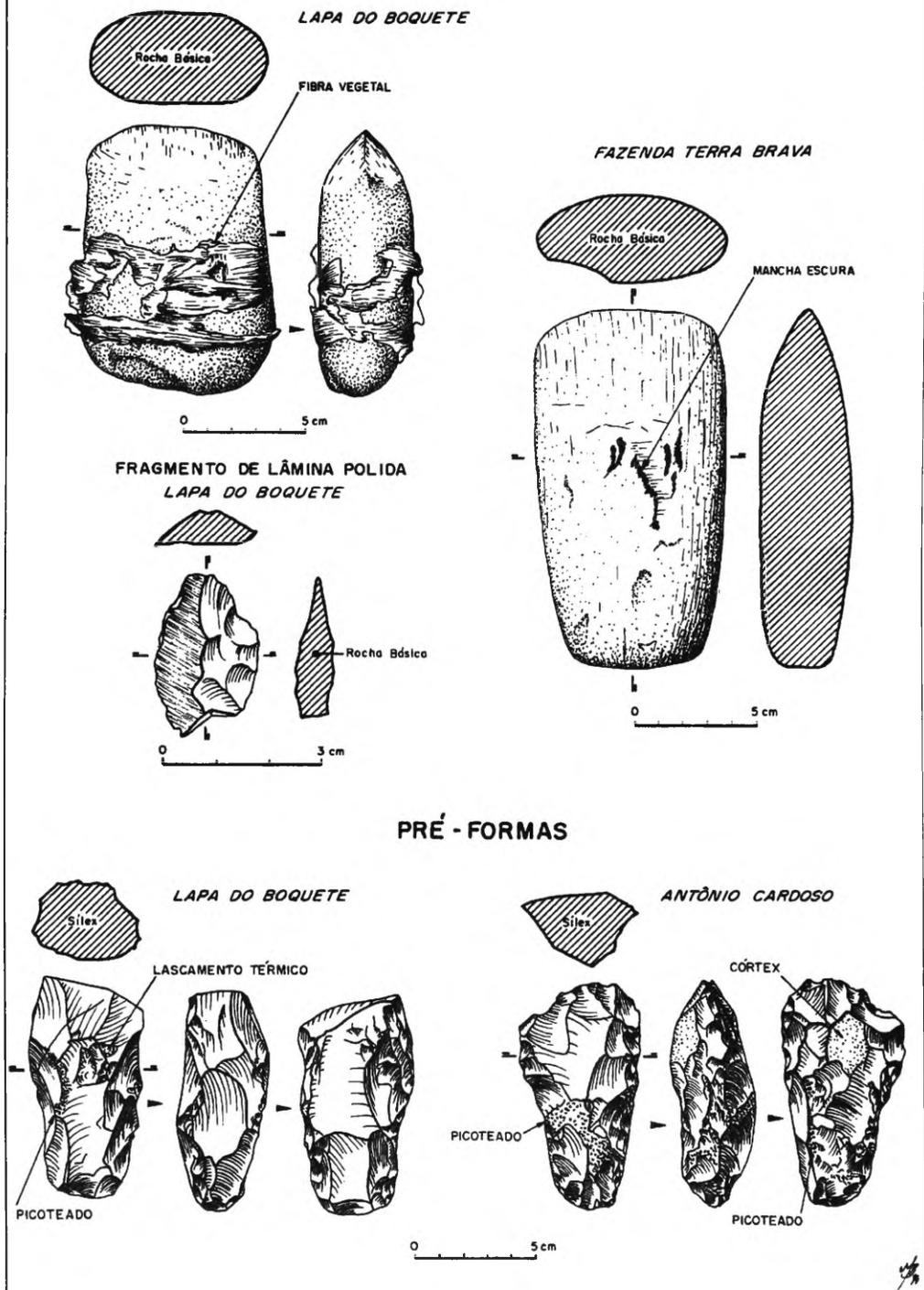
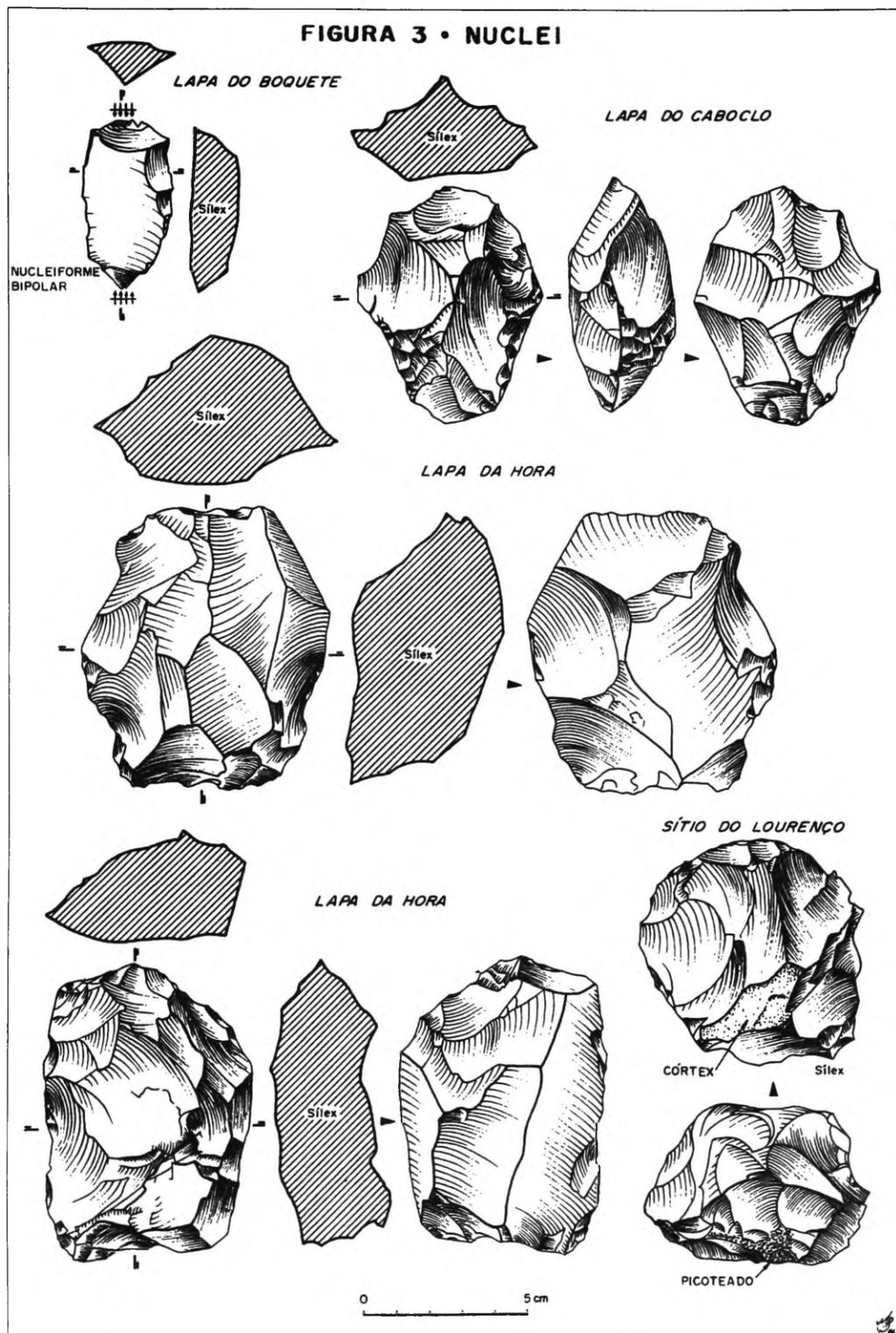


FIGURA 2 • LÂMINAS DE MACHADOS POLIDAS E PRÉ-FORMAS





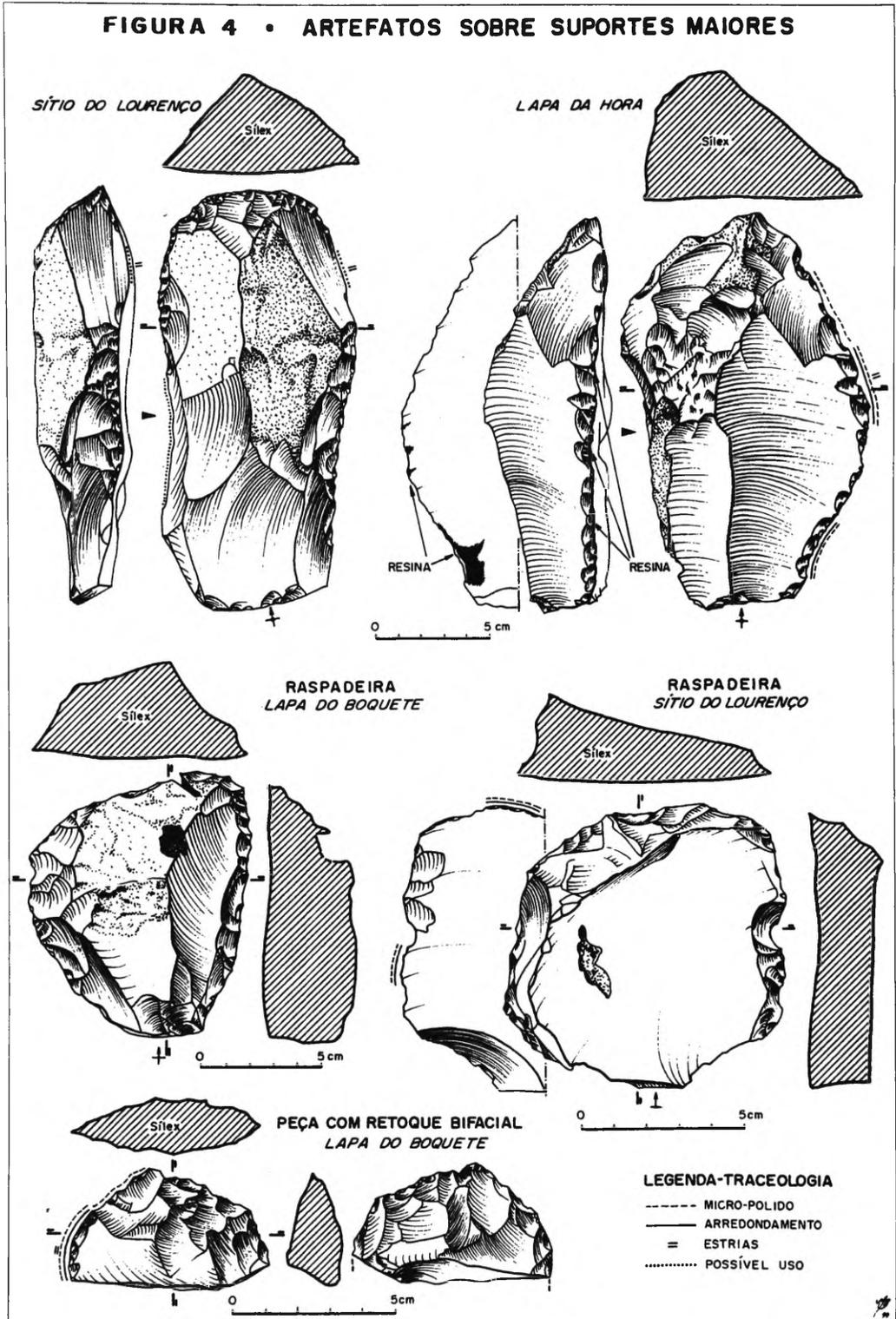
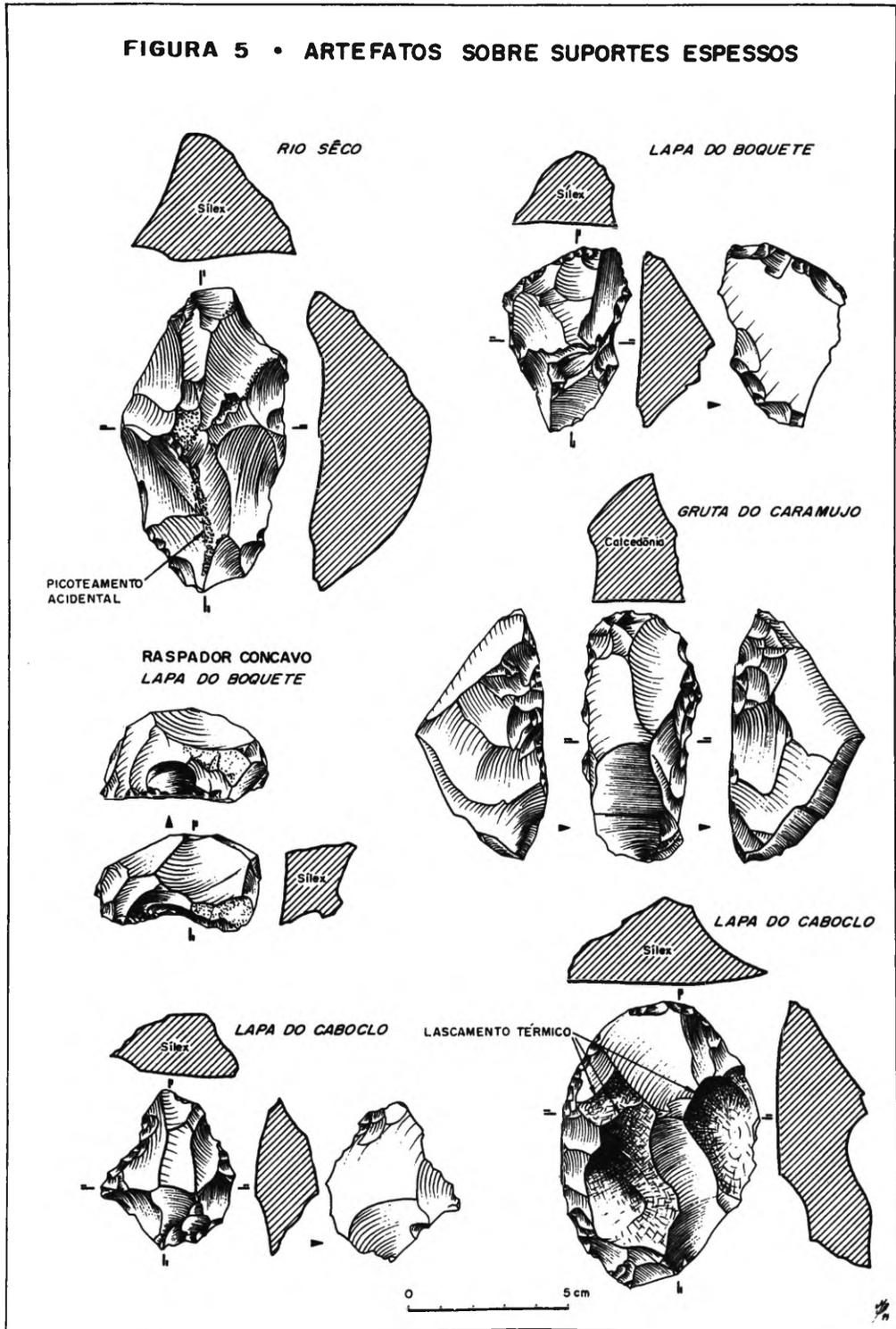
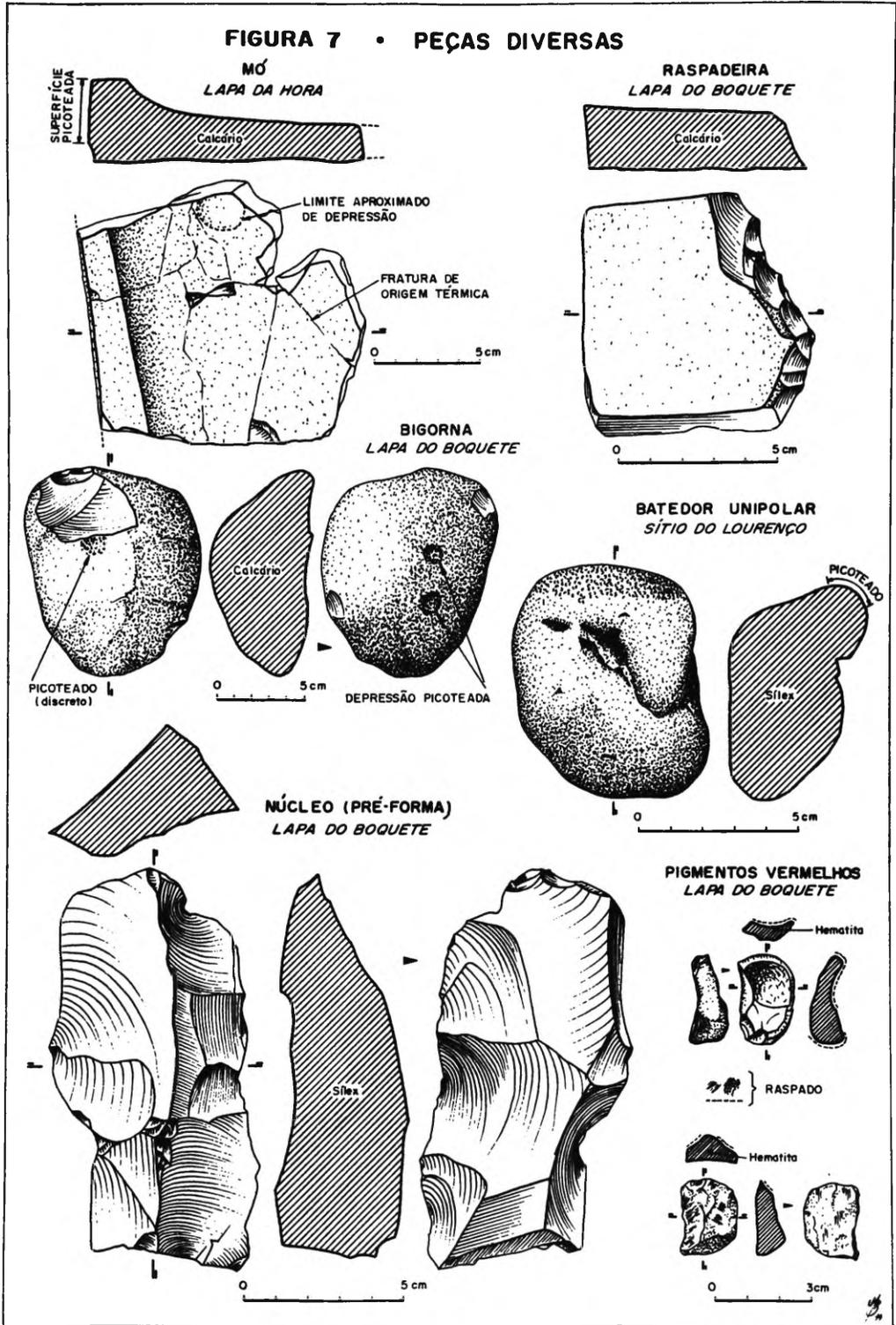


FIGURA 5 • ARTEFATOS SOBRE SUPOSTES ESPESSOS





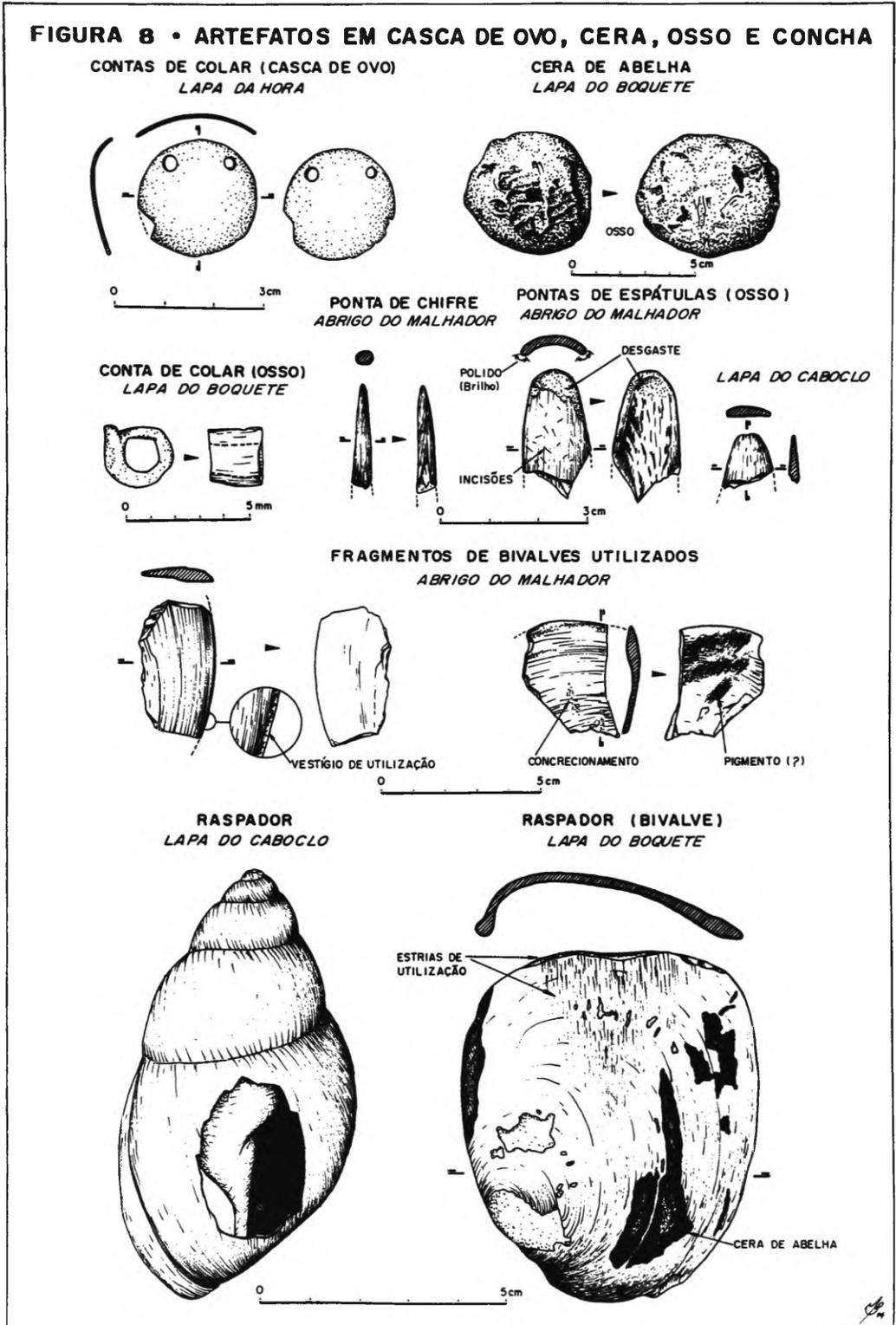
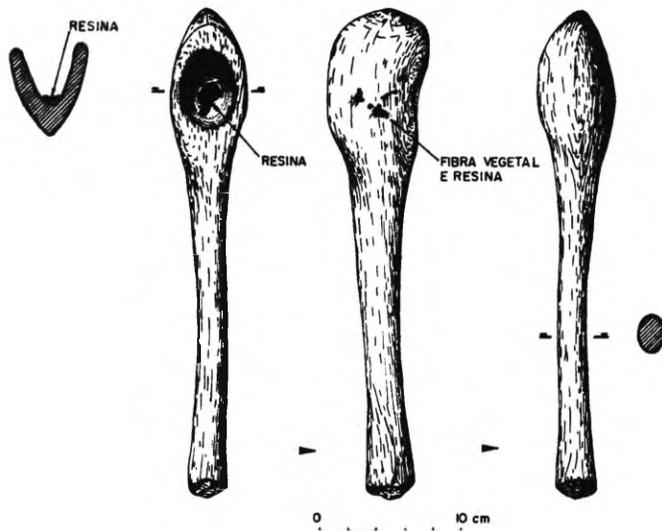
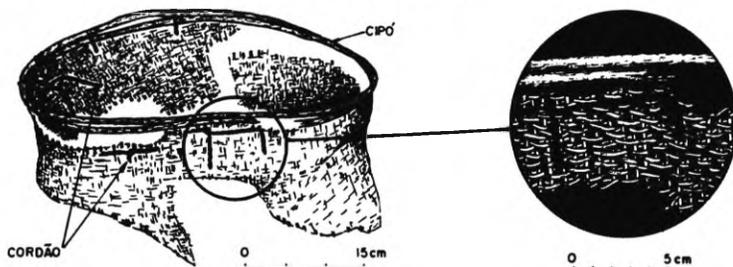


FIGURA 9 • ARTEFATOS EM VEGETAL

CABO DE MACHADO
LAPA DO BOQUETE



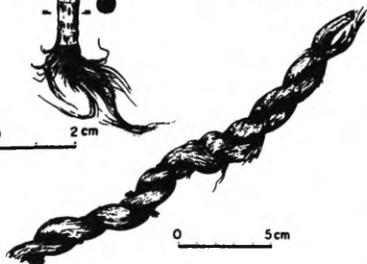
BALAIO
LAPA DO BOQUETE
(Sepultamento 4)



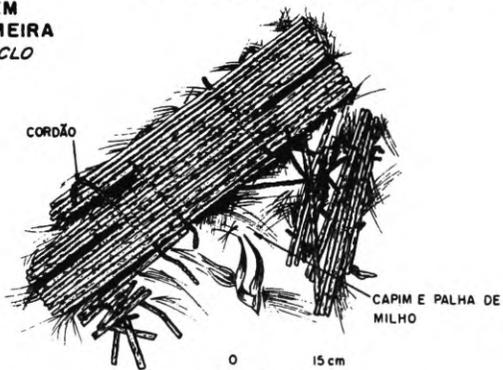
PINCEL (?)
LAPA DO CABOCLLO



TRANÇADO EM
PALHA DE PALMEIRA
LAPA DO CABOCLLO



ESTEIRA EM CANIÇO
LAPA DO BOQUETE (Base de "silo")



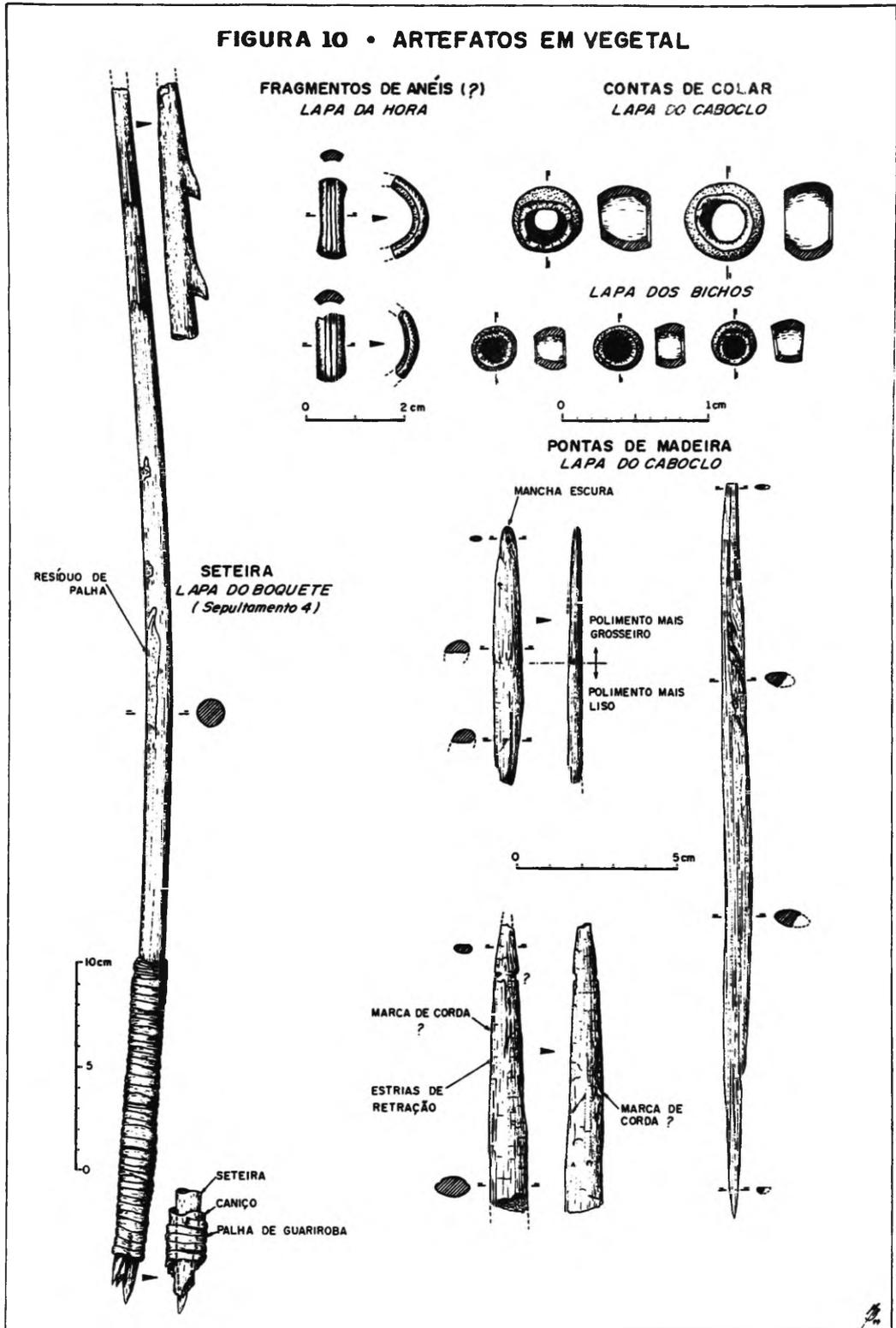
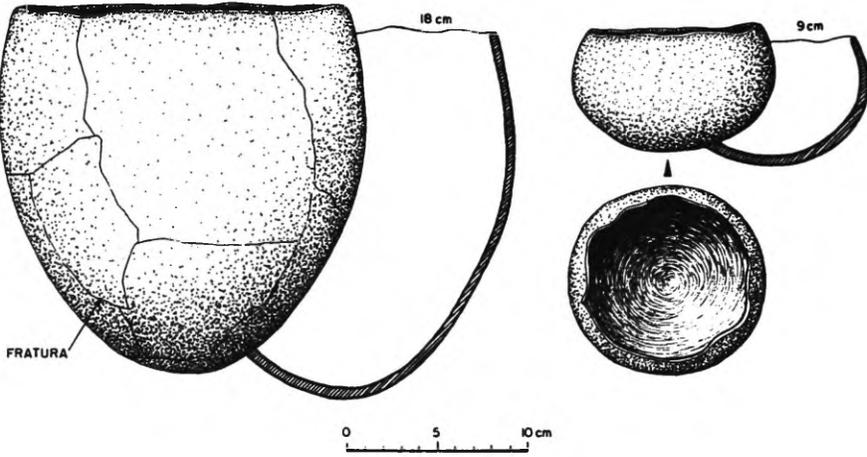


FIGURA 11 • CERÂMICA UNA

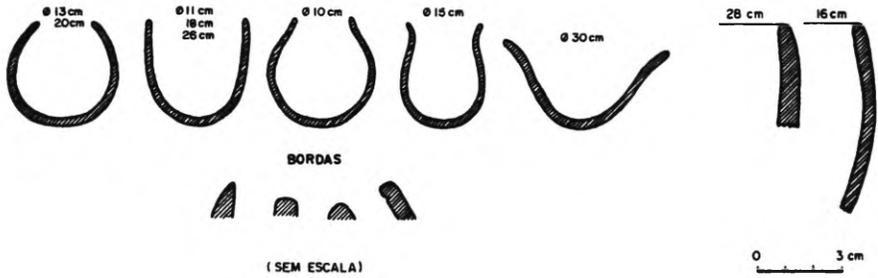
LAPA DO BOQUETE



LAPA DO BOQUETE

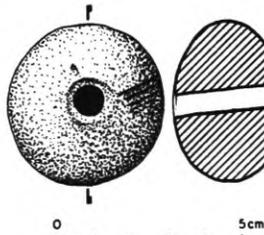
LAPA DO TICÃO

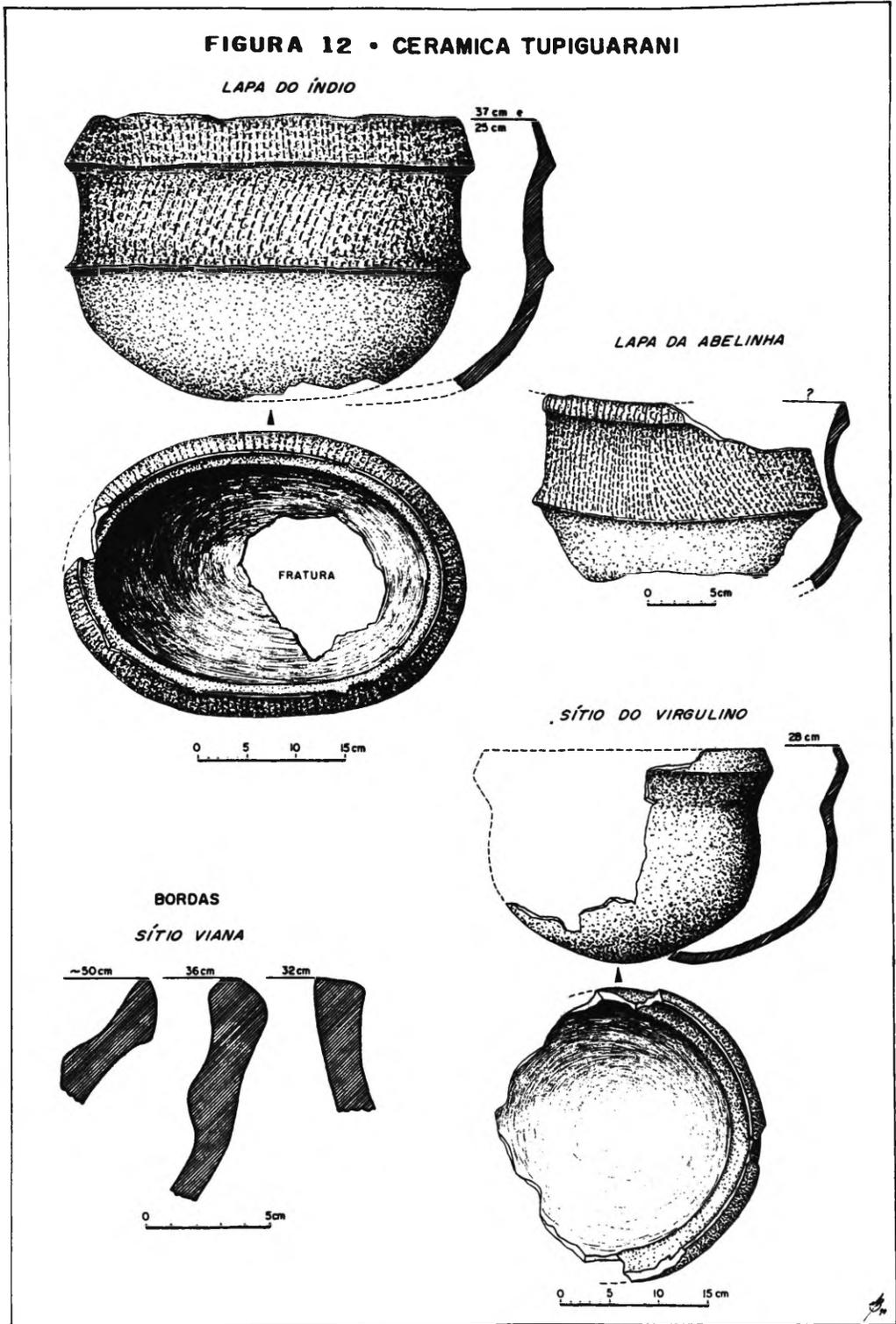
FORMAS DE VASILHAMES



FUSO CERÂMICO

SÍTIO DO CARLOS CENTENÁRIO





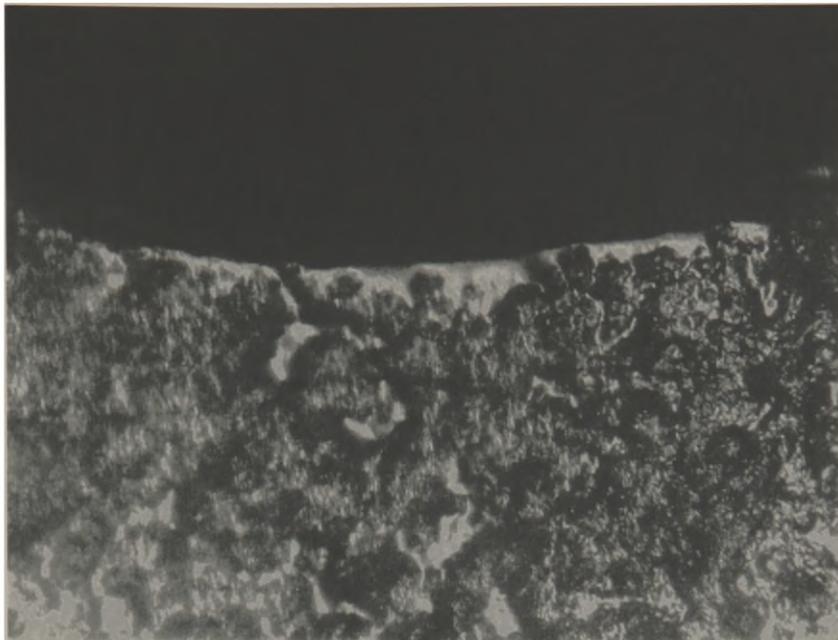


Foto 1 – Gume não retocado, Lapa do Boquete. Uso confirmado em madeira verde, movimento longitudinal (faca), ver fig. 6, embaixo, à esquerda.



Foto 2 – Utilização confirmada em madeira (peça nº 2245/J11/1; Lapa do Boquete, 1 médio). Gume com micropolido e estrias aditivas; uso perpendicular (raspagem) na face externa.



Foto 3 – Utilização confirmada em madeira seca. Uso longitudinal. Gume com micropolido nas partes mais altas–face interna. Peça nº 288-2, Lapa do Boquete



Foto 4 – Gume com micro-polido, sem determinação possível da direção da utilização. Peça 3911 (Lapa do Boquete, HI, 5).

PROUS, A.; BRITO, M. E.; ALONSO LIMA, M. Ceramists settlements in the Peruaçu river valley (MG). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 71-94, 1994.

ABSTRACT : This paper describes the artifacts from recent prehistoric populations that lived in Peruaçu Valley (Central Brazil). Archaeological levels from the two latest millenia have provided households, graves and vegetal depositories. Bone, ceramic, lithic and vegetal artifacts have been found.

One lithic industry, associated with “Una” ceramics, shows little and atypical plain flakes and some notched scrapers. The latest lithic industry in the shelters is much more characterized, with big unifacially retouched flakes and some bifacial large instruments (micro use-wear shows both have been used to work wood). Tupiguarani sites have been found only in the upper part of the valley, but some of theirs ceramic wares may appear in few shelters. As three traditions can be seen from the artifact analysis, three late rock art traditions exist in this region and would tentatively be assigned to the same populations that inhabited Peruaçu valley during the “ceramic period” until neobrazilian occupation in XVIIth Century.

UNITERMS: Archaeology in Minas Gerais State, prehistoric technology – Micro use-wear – Horticulturalists.

Referências bibliográficas

- ALBISETTI, VENTURELLI
(1962) *Enciclopédia Bororo* Ed. Salesianas, vol. 1, Campo Grande, 1047 p.
- ALONSO LIMA, A.
(1993) Estudo traceológico das indústrias líticas de alguns sítios do Vale do Rio Peruaçu. *Relatório* 2 :80-87.
- BRYAN, A.; GRUHN, R.
(1978) Results of a test cave excavation at Lapa Pequena, Brazil. *Arquiv. Mus. Hist. Natural*, Belo Horizonte, 3: 261-325.
(1993) Archaeological Research at six cave rockshelters sites in interior Bahia, Brazil. *Brazilian Studies*. Oregon State University, Corvallis, 168 p.
- DIAS, O.; CHEUICHE, L.; CARVALHO, E.
Fase Belvedere—Uma fase Tupiguarani do Estado de Minas Gerais *Bol. Instit. Arqueol. Bras.*, Rio de Janeiro, 7: 5-15.
- FOGAÇA, E.; ARAUJO, J.; ISNARDIS, A.; MOLINA, L.
(1993) Estudo das Fontes de matéria prima Lítica do Vale do rio Peruaçu. *Relatório*, 2: 13-55.
- HOCH, E.; PROUS, A.
(1985) A contribuição de P. W. Lund à arqueologia européia e brasileira. *Arquiv. Mus. Hist. Nat.*, Belo Horizonte, 10: 170-176.
- JOBIM, P.
(1993) Análise preliminar da cerâmica de três sítios do Vale do rio Peruaçu. *Relatório* 2: 88-93.
- JUNQUEIRA, P.; MALTA, I.
(1981) Horticultores e ceramistas pré-históricos do noroeste de Minas Gerais. *Arquiv. Mus. Hist. Nat.*, Belo Horizonte, 6/7: 275-289.
- MOURA, M. T.; PROUS, A.
(1989) Vestígios de utilização em instrumentos líticos utilizados brutos. *Dédalo*, São Paulo, Publ. Avulsa 1: 409-425.
- PROUS, A.
(1991) Fouilles de l’Abri du Boquete, Minas Gerais, Brésil. *Journal Soc. Améric.*, Paris, 77:77-109.
(1991) Alimentação e arte rupestre: nota sobre alguns grafismos pré-históricos brasileiros. *Rev. de Arqueol.*, S. Paulo, 6: 1-14.
- PROUS, A.; FOGAÇA, E.; ALONSO LIMA, M.; BRITO, M. E.
As últimas indústrias líticas do Vale do rio Peruaçu, no prelo.
- PROUS, A.; JUNQUEIRA, P.; MALTA, I.
(1984) Arqueologia do Alto Médio São Francisco, região de Januária e Montalvânia. *Rev. de Arqueol.*, Belém, 2 (1): 59-72.
- Relatório 1
(1991) Estudo arqueológico do Vale do Rio Peruaçu apresentado à FINEP em 1991.
- Relatório 2
(1993) Estudo arqueológico do Vale do rio Peruaçu apresentado à FAPEMIG.

PROUS, A.; BRITO, M. E.; ALONSO LIMA, M. As ocupações ceramistas no vale do rio Peruaçu (MG). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 4: 71-94, 1994.

RIBEIRO, B.

(1988) *Dicionário de artesanato indígena*, EDUSP/Itatiaia, S. Paulo, 343 p.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A.; WÜST, I.

(1976) *Arqueologia de Goiás em 1976*, Goiânia 139 p.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A.; JACOBUS, A.; RIBEIRO, M.

(1989) *Arqueologia nos cerrados do Brasil Central Serranópolis-1. Pesquisas*, S. Leopoldo, 44, 208 p.

SILVA, M. C.; PAREDES, V.

(1993) Os pigmentos da Lapa do Boquete. *Relatório 2*: 130-139.

SCHLOBACH, M.

(1993) Considerações metodológicas... para as indústrias líticas recentes do abrigo do "Malhador". *Relatório 2*: 205-212.

SIMONSEN, I.; OLIVEIRA, A. P.; SOUZA, A. M.

(1981/ 82) Seqüência arqueológica da bacia do Paraná, 2-82) sítios lito-cerâmicos: a fase Palma. *Arquiv. Mus. Hist. Nat.*, Belo Horizonte, 6/7: 249-259.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 1994.